
Paul Ricoeur. *Sobre la traducción*. Tradução e prólogo de Patricia Willson. Buenos Aires: Paidós, 2005, 75 pp.

O livro, editado em Buenos Aires, é uma tradução para o espanhol

do original francês lançado em 2004 pela Bayard. Reúne três conferências do filósofo hermenêutico Paul Ricoeur. Os textos têm em comum a constante menção do autor aos trabalhos do teórico e tradutor francês Antoine Berman, principalmente porque a tradução como relação com o estrangeiro é um dos fios condutores da obra.

O primeiro texto, “Desafío y felicidad de la traducción”, é um discurso pronunciado no Instituto Histórico Alemão em 1997. Nele, Ricoeur parte do título do ensaio *A prova do estrangeiro*, de Berman, mais precisamente do fato de a tradução ser uma *épreuve*, termo que em francês tem o sentido de “pena experimentada” e de “prova”. Para Ricoeur, a tradução traz consigo uma certa aceitação de perda. E a tarefa do tradutor é estar nessa incômoda situação de mediador, que o coloca à prova. Por causa dessa “perda”, o trabalho da tradução, segundo ele, assemelha-se ao “trabalho do luto”, e ao “trabalho de recordar” (no sentido usado por Freud em seus ensaios psicanalíticos), e também ao “trabalho de parto”.

A tradução, por um lado, atenta contra a sacralização da chamada língua materna, e há um movimento de rechaço à experiência do estrangeiro por parte da língua de chegada. Entre o estrangeiro (representado pela obra, o autor e sua linguagem) e o leitor, interpõem-se o tradutor. Segundo Ricoeur, o rechaço da mediação com o estrangeiro e a pretensão de auto-suficiência nutriu numerosos etnocentrismos lingüísticos e pretensões de hegemonia cultural.

Isso ocorreu com o latim, da Antigüidade tardia até o fim da Idade Média, com os franceses na época clássica, e com os anglo-americanos hoje em dia.

Resistência, conceito que Ricoeur toma emprestado da psicanálise, é o que o trabalho de tradução e o tradutor econtrariam em vários níveis. Por isso, para alcançar a “felicidade da tradução” seria necessário abdicar ao ideal de tradução perfeita. Ele conclui a conferência afirmando que essa felicidade deve estar na “hospitalidade lingüística”, na qual “o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber na própria casa a palavra do estrangeiro”. Há, aí, outra vez uma menção a uma obra de Berman, cujo título é *La traduction et la lettre ou l’auberge du lointain* [A tradução e a letra ou o albergue do distante].

O excerto seguinte, “El paradigma de la traducción”, é uma aula inaugural proferida em Paris em 1998, e o terceiro texto, intitulado “Un “pasaje”: traduir lo intraducible”, é inédito. Neles, Ricoeur trata em última instância da questão da possibilidade e da impossibilidade da tradução. Defende que há duas vias de acesso ao problema colocado pelo ato de

traduzir: tomar o termo “tradução” em seu sentido estrito de transferência de uma mensagem verbal de uma língua a outra, ou tomá-lo em sentido amplo, como sinônimo de interpretação de todo conjunto significativo dentro da mesma comunidade lingüística. O primeiro enfoque foi o escolhido por Berman; o segundo, por George Steiner em *After Babel*.

Ele aborda o debate sobre a diversidade das línguas, as diferenças e as semelhanças possíveis entre as mesmas, e a utopia da língua perfeita. Primeiro, diz ele, há a questão da diferença entre as línguas, em seus aspectos lexicais, fonéticos, sintáticos, etc. Além disso, as línguas são diferentes não apenas pelo fato de recortarem diferentemente o real, mas também na maneira de recompô-lo no discurso. As orações são pequenos discursos tirados de discursos maiores que são os textos. Esses, por sua vez, fazem parte de conjuntos culturais que expressam visões de mundo diferentes; e por aí vão se tornando cada vez mais complexas as relações.

No entanto, a tradução existe e sempre existiu. Sempre houve viajantes, embaixadores, mercadores, espiões; homens que satis-

faziam a necessidade de estender os intercâmbios humanos. Contudo, o estrangeiro sempre foi visto com inquietação, e a tradução foi também sempre uma resposta parcial a essa “experiência do estrangeiro”. Dessa curiosidade pelo estrangeiro é que surge o que Berman chamou em *A prova do estrangeiro de pulsão* de traduzir. Mais além de todas as dificuldades, da heterogeneidade dos idiomas, a tradução existe, apesar de ser “uma operação perigosa, sempre em busca de sua teoria”.

A propósito do relato bíblico de Babel, Ricoeur o lê como mito de origem de um projeto ético da tradução: ao invés de perceber a diversidade de línguas como símbolo de confusão e de dispersão, como catástrofe lingüística irremediável, podemos entender essa diversidade como a oportunidade de passarmos pela experiência-prova do estrangeiro. Se o fratricídio, o assassinato de Abel por Caim, faz da fraternidade um projeto ético, a Babel lingüística nos chama ao projeto ético da tradução como relação com o “outro”.

Marlova Aseff
UFSC